

SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXIX SIC
UFRGS
PROPESQ



múltipla 
UNIVERSIDADE
inovadora  inspiradora

| | |
|-------------------|---|
| Evento | Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS |
| Ano | 2017 |
| Local | Campus do Vale |
| Título | “A TORRE AZUL”: o Colégio de Aplicação da UFRGS nas memórias de seus sujeitos (1965-1996) |
| Autor | LUCAS COSTA GRIMALDI |
| Orientador | DÓRIS BITTENCOURT ALMEIDA |

“A TORRE AZUL”: o Colégio de Aplicação da UFRGS nas memórias de seus sujeitos (1965-1996)

Lucas Costa Grimaldi (PROBIC-FAPERGS)
Dóris Bittencourt Almeida (Orientadora)
Faculdade de Educação /UFRGS

RESUMO

A institucionalização da escola pressupôs prédios e espaços próprios para a prática educativa. Estes tinham a função de enclausuramento do estudante, a vigilância e a punição, como forma de preservar e criar artifícios para que se estabelecesse uma prática pedagógica. Nas últimas décadas, diversos estudos tiveram como foco a materialidade das escolas, principalmente para entender de que forma a estrutura dessas instituições também representa um discurso presente na cultura escolar. Portanto, o presente estudo analisa a arquitetura escolar do Colégio de Aplicação da UFRGS a partir de escritos discentes e docentes. A instituição foi criada no ano de 1954, a partir de esforços da cátedra de Didática da antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS. No período de 1965 a 1996, o colégio ocupava um prédio construído para ele no campus central. Este possui uma arquitetura modernista, e foi projetado para abrigar o colégio e o Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais do RS. A partir da década de 1970, a escola passou a compartilhar este espaço com a recém-criada Faculdade de Educação. O corpus documental analisado constitui-se de 22 escritos docentes e discentes publicados em uma edição comemorativa de 50 anos da escola na revista *Cadernos de Aplicação*, publicada no ano de 2004, a edição conta com narrativas de memórias de ex-alunos e ex-professores das décadas de 1960/1970 e 1980. Além disso, analisaram-se as transcrições de 9 entrevistas e de 1 roda de memórias produzidas pelo projeto Memória FACED. Como fontes suplementares, destacam-se fotografias, plantas arquitetônicas e relatórios, entre outros registros institucionais. A pesquisa inscreve-se no campo da História da Educação e utiliza os postulados da História Cultural e da História da Cultura Escrita para compreender as narrativas dos sujeitos. Para tanto, infere-se que não há neutralidade no espaço educativo e, portanto, a arquitetura projetada afeta de diversas formas os sujeitos que ali frequentam. Tem-se como principal objetivo a análise do edifício da instituição, a partir das proposições metodológicas do campo da história da Arquitetura Escolar propostas por Frago e Escolano (2001), Bencostta (2007), além de problematizar as memórias dos narradores, contrapondo com o espaço projetado e construído. Para tanto, houve a necessidade de analisar o contexto de produção desses discursos memorialísticos, quais recorrências e dissonâncias no que diz respeito ao ato de habitar o Colégio de Aplicação. Percebe-se que como afirmar Escolano (2001) a arquitetura das escolas é uma espécie de discurso que institui um sistema de valores. A partir das memórias dos estudantes percebeu-se várias formas pelas quais aquela materialidade incutiu valores e afetou o cotidiano desses alunos.

Palavras-chave: Arquitetura Escolar, Memórias discentes, História da Educação.

Referências

- BENCOSTTA, Marcus Levy. (Org.) **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.
- VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2009.